

A PSICOLOGIA-COMPLEXA... UM RETORNO AO PASSADO EM BUSCA DE UM SISTEMA INTEGRADOR

¹Fausto Eduardo Menon Pinto

RESUMO

Este artigo faz uma reflexão teórica e crítica da gênese da Psicologia como uma disciplina científica e sua proposta atual enquanto um saber que compreenda o funcionamento psicológico do ser humano como um sistema integrador. Neste sentido, inicialmente faz-se uma pequena discussão sobre o desenvolvimento das Ciências Naturais estendendo-a, posteriormente, para uma compreensão de complexidade que consiga visualizar o ser humano psicológico regido por várias dimensões, como o biológico, a cognição, o sociocultural e a afetividade.

PALAVRAS-CHAVE: psicologia-funcionamento psicológico-ciência-sistema integrador

ABSTRACT

This article makes an analysis theoretical and critically about establishment of psychology as scientific discipline and your genuine purpose while knowdelege that comprehension the psychological functional in the human like an integrative system. In this direction, initially a small quarrel becomes on the development of Natural Sciences extending it, subsequently, for a complexity understanding that obtains to visualize psychological the human being conducted of some dimensions, as the biological one, the cognition, culture and the affectivity.

KEYWORD: psychology-psychological functional-science-integrative system

O PRESENTE NADA MAIS É DO QUE O ESFORÇO DO PASSADO PARA CONVERTER-SE NO FUTURO

MIGUEL DE UNAMUNO

Este artigo surge do questionamento, despretensioso, de debater algumas idéias a respeito do conceito de sujeito psicológico dentro de uma visão de complexidade. Trata-se de um material que reflete a tentativa de levantamento de percepções e dúvidas a respeito do tema em si. Para isso, inicia-se a discussão com algumas informações sobre a gênese da ciência clássica como influência decisiva no pensamento psicológico, para depois debater acerca do pensamento complexo e sua relação, também decisiva, na estruturação de um sistema integrador.

¹Psicólogo e Mestrando (Bolsista/CAPES) em Educação pela UNICAMP/FACULDADE DE EDUCAÇÃO
faustomenon@ig.com.br • femp03@hotmail.com

O autor agradece em especial ao Professor Doutor ULISSES FERREIRA DE ARAÚJO que tanto contribuiu na feitura deste material: através de discussões, sempre significativas, desde há muito tempo.

É arguto que a atividade científica teve procedência, possivelmente, quando o ser humano primitivo começou a associar a natureza com os fenômenos sobrenaturais (isto é, a magia), estabelecendo uma organização rudimentar destes diversos elementos da natureza (como ervas, estados climáticos e assim por diante) a fim de curar males orgânicos e psíquicos. Sem dúvida, os fenômenos sobrenaturais exerciam influência determinante no pensamento dos seres humanos.

Com o passar do tempo, o próprio ser humano passou a resignificar os fenômenos que ao seu redor aconteciam. Agora os fenômenos poderiam simplesmente embolsar uma explicação pelos sentidos, através da experiência dos órgãos dos sentidos, chamando-se de senso comum. Por senso comum, JR (1998) ressalva que esta forma de saber inclui informações não-sistematizadas, quais sejam, por processos informais. Abrangem este saber, as lendas, as doutrinas religiosas e afins.

Já no período do Renascimento, por sua vez, o retorno aos valores clássicos greco-romanos somados de um espírito humanístico corroboraram efetivamente "...a motivar os homens a uma mudança de atitudes, ultrapassando os limites do simbolismo medieval" (PRIMON et alli, 1997: 45), possibilitando o desenvolvimento de novos pensamentos e de novas idéias a despeito do mundo que envolve o ser humano. Este cenário de desenvolvimento intelectual foi a grande época em que o ser humano apropriou-se do conhecimento para descobrir as leis que regiam a natureza. Em suma, foi o período de expansão do conhecimento humano e da ciência.

Os pesquisadores renascentistas detiveram-se, dentre os tantos afazeres, ao fascínio pelo funcionamento do corpo humano: dedicando-se ao estudo pormenorizado das estruturas anatômico-fisiológicas humanas e suas respectivas funções. Dedicando-se à apreciação científica na explicação da realidade.

Em que se pese o que fora citado, o conhecimento científico difere das colocações anteriores. Ele estrutura-se basicamente como um corpo de conhecimento que abraça uma explicação metodológica direcionada a dados sistematizados a serem aplicáveis experimentalmente (GOWER, 1997). Em concordância com a Ciência, CAMPOS (2000: 35-36) assevera que:

O conhecimento científico deve ser compreendido como o estágio mais recente na evolução do conhecimento humano (...) Foram necessários quase dois mil anos para que a ciência pudesse ser realmente compreendida e produzida. Desse momento até o presente, o que se pode observar é uma constante evolução, sobretudo no século XX, onde os recursos metodológicos e tecnológicos alavancaram o desenvolvimento científico

Uma das figuras ilustres, e representantes da Ciência Moderna Renascentista, foi Galileu Galilei, conspícuo teórico italiano. Além de ser um teórico com aptidões formidáveis, tinha aptidões em música, em línguas clássicas e bom conhecedor de matemática (GEYMONAT, 1997). Quanto à matemática,

Como se sabe, entre as funções essenciais atribuídas por Galileu à matemática dentro da ciência da natureza não está apenas aquela de tornar sólidas e claramente visíveis às conexões lógicas entre uma proposição à outra, mas também a de dar às proposições uma precisão que sem isso não teriam (idem: 320)

Como discutido, Galileu Galilei, e tantos outros contemporâneos a ele, souberam, através da atividade racional e nas fundamentações lógicas bem organizadas mentalmente indagar sobre as explicações derivadas dos seus antepassados, de ordem mítica e estritamente subjetiva, aos fenômenos da natureza. O que era uma simples especulação mental passou a ter um alto grau de precisão e controle da natureza: passando-se a conhecer a sucessão de eventos que produzem os efeitos nos mais variados objetos de estudo (YAKIRA, 1994; FETZER & ALMEDER, 1993). Em resumo,

A ciência natural, por ser racional e objetiva, procura sempre medir e registrar seus fenômenos. Ela se preocupa em dar definições precisas, descrições exatas e medições afinadas. A comprovação de suas hipóteses envolvem experiências. Por isto para ela, os números são de grande importância (...) Ao investigador cabe a classificação dos dados, o trabalho como os dados e a habilidade no julgamento dos fatores relevantes e sua interpretação... (ALMEIDA, 2000: 30)

Desperta aqui a atenção, também à dúvida, é a atribuição que justamente impuseram os primeiros especialistas ao edifício científico, constando que para ser verdadeiramente epistêmico um trabalho sustentar-se-ia tão-somente pelos liames da relação causa-efeito. A relação causa-efeito se resumiria numa fórmula evento!efeito. Em suma, conhecendo-se o agente causador, conhecer-se-ia o efeito circunscrito no objeto e, por extensão, entenderia o objeto como um todo.

O método experimental, debelado ao objeto de estudo, consistiria em isolar um corpo (objeto) em partes cada vez mais diminutas (decompondo-o sistematicamente) e dele retirar as suas funções principais, como, por exemplo, sua força, elasticidade, movimento, trajetória ou suas características biológicas e químicas. Ou seja, o cientista na visão Renascentista deveria pelo uso da matemática formular leis explicativas e sistematizadas com equações que melhor descrevessem as características fenomenais.

... el matrimonio entre ciencia y matemática – desde una perspectiva del siglo XX – una característica de la ciencia del siglo XVII más persistente e influyente incluso que la recuperación de los hábitos experimentales. En razonable afirmar que la mecanización de la ciencia y la comprensión de sus aplicaciones técnicas fueron ingredientes decisivos de la singularidad de la ciencia occidental... (FERNÁNDEZ-ARRESTO, 1999: 164)

Particularmente já no estudo da alma humana, a história da Psicologia teve origem quando o ser humano começou a explorar aleatoriamente seus

pensamentos, idéias e sentimentos mais íntimos. Concomitantemente, a história dela originou-se também quando o ser humano primitivo começou a duvidar de forma aleatória com relação aos mais variados objetos, reais e imaginários, e até mesmo duvidar de seus próprios pensamentos.

A primeira noção de alma esteve atrelada ao período Homérico (a saber: séculos IX-VI a.C.) quando a palavra “*psiche*” denotava alma e se reportava como uma entidade etérea, um espírito mítico e profundo, que durante o sono deixava o corpo e ia ao encontro de outras almas. A esta definição de alma corresponderia aquela abonada pelos poetas que através da linguagem escrita sublinharam no papel predicados singulares da natureza humana que antes tampouco eram postos em contenda, como a paixão, o amor, a cólera e a inveja.

A palavra Psicologia (em substituição de alma ou espírito) provém de duas terminologias gregas *psiche* e *logos* que vêm a significar o estudo sistemático, e experimental, do psiquismo e comportamento humanos (GLEITMAN, 1991; ROSENFELD, 1993) e fora usada aproximadamente em 1600 por Rodolfo Goclênio para “...designar um conjunto de conhecimentos filosóficos sobre a alma e suas manifestações” (FREIRE, 1997: 20).

Sendo assim, a Psicologia conceberia o psiquismo como um arranjo (uma reorganização funcional, a bem dizer) de inúmeras qualidades, ou faculdades: como a conativa, intelectual, afetiva e outras mais (ERISMANN, 1960). Ao estudo desta mesma alma bastaria o pesquisador ser atento e esmiuçador em ordenar sistematicamente as variáveis que produzem os efeitos psicológicos no ser humano.

Por esta razão, em meados da segunda metade do século XIX, começaram na Europa, especialmente na Alemanha, as difusões de experimentos acerca dos mecanismos perceptuais, tendo por base o conhecimento advindo da fisiologia sensorial (CAPARRÓS, 1999; PAULUS, 1970). Então, no século XIX tinha-se como meta na Psicologia

... estudar a maneira pela qual os órgãos dos sentidos, como os olhos, ouvidos ou aqueles localizados debaixo da pele funcionam quando estimulados por energia luminosa, ondas sonoras ou objetos em contato com a pele (...) Tais experimentos sobre ‘sensitividade’ exigiam algum tipo de resposta à estimulação experimental; algum tipo de movimento muscular poderia ser escolhido como medida das reações animais (HENNEMAN, 1998: 17)

De igual modo, a Psicologia nascia das formulações iniciais de Galileu a Newton sobre as ciências naturais, pois era suficientemente necessário a ela “...elaborar um conjunto de princípios metodológicos que lhe fornecessem este *status*...” (CAMPOS, 2000: 20), *status* este de observação, experimentação e previsão fenomenal, provenientes das Ciências Clássicas (SILLAMY, 1997). Por curiosidade, um dos princípios em voga que condiziam com a Física e a Química nos séculos XVIII e XIX era a questão da verificabilidade e generabilidade; fato

esse que se baseava na utilização da matemática em que se lê o uso maciço da estatística.

As tantas escolas psicológicas advindas neste entendimento floresceram num ambiente que permitiu com que houvesse um desdobramento da análise de tópicos isolados, destacando-se a motivação, a aprendizagem, a consciência, o inconsciente, a inteligência e a afetividade.

Pessoalmente, na Ciência Psicologia...

Esto significa que un mismo fenómeno, la conducta humana, puede ser estudiado desde múltiples perspectivas teóricas. De ello se derivan profundas consecuencias, tanto en el modo de definir el objeto de un modo preciso, como a la hora de adoptar un método u otro, siempre tratando de mantenerse en el seno de la ciencia (DIAZ & LOPEZ, 1985: 37)

A maioria dos legados teóricos psicológico-científicos, senão todos, estão abarcados num padrão específico de princípios lógicos que sustentam o conhecimento dos pesquisadores. Enfim, os chamados pressupostos epistemológicos.

Os pressupostos epistemológicos favorecem o pesquisador a observar a realidade a partir de um método específico: sobre as quais, por exemplo, alguns pressupostos teóricos estão ancorados na compreensão apenas do objeto, enquanto outros focalizam a uma orientação do sujeito que apreende o conhecimento do objeto (GAMBOA, 1999).

O entendimento voltado tão-só à compreensão do objeto, citado antes, combina-se de certo modo na Ciência Psicologia para uma perspectiva pura e simplesmente de experimentação; de controle de variáveis, provenientes das ciências clássicas. Nesta finalidade, os fatos e/ou fenômenos que escapam dos limites da previsibilidade são desconsiderados do “*olhar científico*”, ou da explicação fenomenal.

A explicação fenomenal das Ciências Clássicas aduz densamente a uma explicação paradigmática que condiz com a divisão do conhecimento em áreas, cujo norteador esteve se guiando por princípios mecanicistas e com ênfase, sobretudo, no racionalismo (HAYLES, 1998). O ser humano cientista impôs, proporcionalmente, a si mesmo um método de estudo da psique apresado nos moldes da ciência renascentista “...para converter o mundo num estoque de objetos representáveis, acumuláveis de forma sistemática, previsíveis, manipuláveis e exploráveis...” (FIGUEIREDO, 1996: 16). Desta maneira, pensa-se agora em construir crítica e teoricamente uma nova compreensão de sujeito psicológico.

Negligencia-se uma visão irreal e quimérica pós-moderna de ciência e da reconstrução do mundo. Pô-lo aos pedaços para reconstruir uma nova realidade, em que tudo pode. O ser humano transcenderia às suas faculdades psicológicas, ao comportamento e ao cosmos. Uma visão holística e pluralizada de realidade,

de múltiplas realidades.

De posse deste critério inicial, sabe-se que a conduta do ser humano não é um jogo estocástico. “Em sua maior parte, o comportamento humano é um sistema de símbolos” (LEWIS, 1999: 122). Destes símbolos, e seus respectivos significados, torna-se dificultoso empregar à Psicologia apenas a um *único* evento simplificador como aquele que desencadeie o caráter, ou a personalidade, do ser humano.

A fragmentação e a simplificação do conhecimento psicológico podem ser descritas pela especialização dos saberes. Porém a verdade fenomenal pode igualmente ser abarcada pela integração das especialidades, integração dos saberes, como a cognição, o afetivo e o biológico numa mesma experiência humana (MAGNUSSON & TORESTAD, 1993). Isto é, há uma *multideterminação* fenomenal que atende por processos complexos.

Quanto à complexidade, MORIN (1997, 2002b) professa que esta visão se opõe, sensivelmente, aos ditames reducionistas presente nas Ciências atuais, cujos princípios procuram apenas informações simplistas (verbi gratia, explicação aos fenômenos da natureza com princípios de disjunção, redução e fragmentação dos saberes) e busca entender os fenômenos como uma relação dinâmica entre parte e todo. Em poucas palavras:

A novidade do pensamento complexo é tirar o disjuntivo “ou” do pensamento sobre os fenômenos e perceber que todos os fatores levantados, e outros mais ainda não considerados, podem ter influência no fenômeno analisado (ARAÚJO, 2002: 22)

Ainda sobre a complexidade MORIN (2002a: 58-59) entende que:

Efetivamente, a complexidade não é somente o fato de que tudo está ligado, de que não se podem separar os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno (...) mas é além do mais a idéia de que conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles...

Aproveitando a idéia de complexidade, agora no domínio da psicologia, ARAÚJO (1999: 68) define que:

O sujeito psicológico é um ser que sente emoções, que sente fome, que vive imerso em relações com um universo objetivo e subjetivo, e que possui uma capacidade intelectual e afetiva que lhe permite organizar e interpretar essas relações com o mundo interno e externo

O sujeito psicológico, sobre a qual se discursa, gravita sobre sistemas e subsistemas “...que interagem entre si de maneira dinâmica e interdependente” (ARAÚJO, 1999: 73). São exemplos de sistemas, a cognição, a afetividade, o sociocultural e o biológico. Quer isso dizer que não é perdida a noção das partes nem do todo, mas sim, existindo uma correlação dinâmica entre eles: sendo o sujeito psicológico não uma mera junção de subsistemas, mas a incorporação multidimensionalmente dos mesmos,

...para melhor compreender esse ser psicológico complexo, podemos estudar separadamente seus aspectos cognitivos, afetivos, socioculturais e biológicos e suas relações como o mundo físico, interpessoal e sociocultural à sua volta. Não se deve, porém, perder a perspectiva de totalidade e coordenação interna e externa desses sistemas (ARAÚJO, 1999: 68)

Para que haja a inter-relação entre as diversas dimensões, começam a existir *reguladores* (ARAÚJO, 1999) que teriam como papel a coordenação dos sistemas e subsistemas no sujeito psicológico. A respeito do conceito *"regulador"*,

...nossa hipótese é a de que em seu funcionamento psíquico o sujeito psicológico utiliza-se de vários elementos 'funcionais' (ou 'colas') que nesse momento, gostaríamos de definir como reguladores (ARAÚJO, 1999: 74)

Neste aspecto, o sistema biológico poderia ter como regulador, de direito, os neurotransmissores; aquelas substâncias que facilitam a comunicação entre as células nervosas alterando o funcionamento ao nível cerebral. No sistema sociocultural haveria a linguagem como um mediador entre o ser humano e a sociedade. De acordo com a cognição, os esquemas mentais seriam os seus mais fecundos representantes: como aqueles que coordenam a capacidade de organização do conhecimento. Para a afetividade os seus reguladores (como os sentimentos, afetos e emoções) cumpririam a missão de interferirem íntima e dinamicamente no estado de ânimo do ser humano.

O sujeito psicológico além de ser um ser humano composto profundamente por sistemas e subsistemas, ele também é formado por uma estrutura geral que se resume o self ou a personalidade ou o próprio "EU"; exprimindo aquilo que o resume: conduta, saudades, atitude, temperamento, gostos, prazeres, sonhos medos, fraquezas e quejandos.

Nosso sujeito psicológico, por sua enorme complexidade psicológica, capacita-se a remover da memória psíquica o seu mundo interno, ou mundo subjetivo (subjetivo equivalente a: imaginação, pensamento, fantasia e uma grande infinidade de outras mais). Quem o capacita a fazê-lo é a consciência. Conforme aventado,

A consciência é, de fato, o que nos torna humanos (...) É a consciência que faz de vontade o que ela é – uma capacidade por meio da qual fazemos escolhas, em vez de apenas reagir a impulsos biológicos (LEWIS, 1999: 171)

Ainda quanto à consciência, LIPPS (2001: 339) discute criteriosamente que:

O fato da consciência é precisamente "o consciente". A consciência, diz-se, trata do consciente. "Consciente" e psíquico – assim se pensa com toda a seriedade – são conceitos de mesmo significado. Do mesmo modo, "inconsciente" e "físico" significam o mesmo. Naturalmente, o inconsciente permanece então excluído da psicologia

Somando-se à discussão, entende-se que nem todas as experiências são facilmente "ativadas" voluntariamente no fluxo da consciência. Em qual lugar

elas estariam? Provavelmente, estão no inconsciente; delegando-se aqui à instância inconsciente ao caráter intrínseco, “vivo”, adjacente ao consciente, do sujeito psicológico. Carus, mencionado por FILLoux (1988: 9), enfatiza que “...O inconsciente e o consciente mantêm um diálogo incessante; uma influência perpetuamente fecundante...”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É lícito que a Psicologia ganhou status respeitável graças às figuras ilustres dos cientistas renascentistas em virtude da experimentação, controle de variáveis e formação de leis universais. Isso foi (e é) deveras válido no acúmulo e desvelamento do conhecimento científico.

Em contrapartida, sabe-se que se torna muito árduo integrar saberes até então distintos numa só experiência psicológica humana: tendendo-se à fragmentação do conhecimento. Por conseguinte, a título de ilustração, estudar-se-ia a afetividade e a inteligência separadamente uma da outra.

Admite-se no artigo que há áreas (dimensões ou sistemas psicológicos) que ainda não foram sequer exploradas por pesquisadores – por exemplo, tanto à cognição e quanto ao território da afetividade pelo menos nos seus variados matizes. Por isso a necessidade de se apropriar de pressupostos teóricos que não visem ao estudo psicológico de tópicos isolados.

Note que não se deseja vincular vários construtos teóricos tal qual um *ecletismo* teórico-prático. Não é isso. Seria, com certeza, compreender o sujeito psicológico por intermédio de um “regulador” que coordene dinamicamente o funcionamento das dimensões psicológicas (como a cognição, a afetividade...) em determinada experiência; constituindo, porquanto, um sistema de integração de estruturas psicológicas, formando, assim, um SISTEMA INTEGRADOR.

A hipótese básica é a de que cada dimensão psicológica possuiria seu status e poderia coordenar dinamicamente outrem. Com isso, integrariam conhecimentos de áreas, até então díspares, e não sobrepujaria uma área sobre a outra: todas teriam um valor de importância no funcionamento do sujeito psicológico.

Por último, desvincular o tipo de pensamento mecanicista, não o desconsiderando, mas repensando-o por completo, naquilo que se aprendeu até agora, é extremamente dificultoso e implica em adotar para si a prática da pesquisa não mais de maneira *reducionista* e *simplificadora*. Consistiria em decodificar a realidade fenomenal psicológica guiando-se por múltiplos óculos (melhor dizendo: múltiplas dimensões), sem esquecer, contudo, da importância de cada olho (melhor dizendo: cada dimensão) no processo totalizante.

Devem-se refletir inúmeras vezes, o quanto for preciso, para quais as características do ser humano estão sendo observadas e quais as estruturas estão sendo descritas para fins de estudo no sujeito psicológico. Fazendo um

paralelo. Ao observar um carro com as portas fechadas pode-se julgar a quantas andam o funcionamento e a vida-útil das peças do automóvel. Outrossim, existe uma quantidade respeitável de peças, com funções distintas, que escapam da visão do observador mesmo pegando-as na mão, porque, elas adquirem um papel distinto e funcional na dinâmica integral do carro: o veículo e suas peças têm uma relação dinâmica própria de relação e correlação; as estruturas psicológicas com o sujeito psicológico idem.

Em vista disso, daí a extrema necessidade de o pesquisador (ou pesquisadora) ter uma personalidade hábil e altamente flexível para compreender o funcionamento psicológico, não impondo explicações prévias sem antes observar *aquilo* que ocorre no ser psicológico. Acompanhando este enfoque, ROBERTS (1995: 302) admite que

Os estudantes devem ser incentivados a ter uma postura de flexibilidade com relação ao que pensam e interpretam. A pessoa que vê apenas o que espera e descarta os resultados inesperados como sendo 'errados' não fará nenhuma descoberta

O conceito sistema integrador permitiria ao futuro pesquisador (ou pesquisadora) conduzir-se em caminhos de maior compreensão do sujeito psicológico. Deve-se avivar na cabeça dos leitores que o caminho da pesquisa metodológica não será fácil e por vezes vai requerer uma resignação em perceber detalhes sutis, numa rede de complexidade de eventos que ao *observador desavisado e desatento só responderá que o que ele vê é apenas um organismo se comportando no ambiente.*

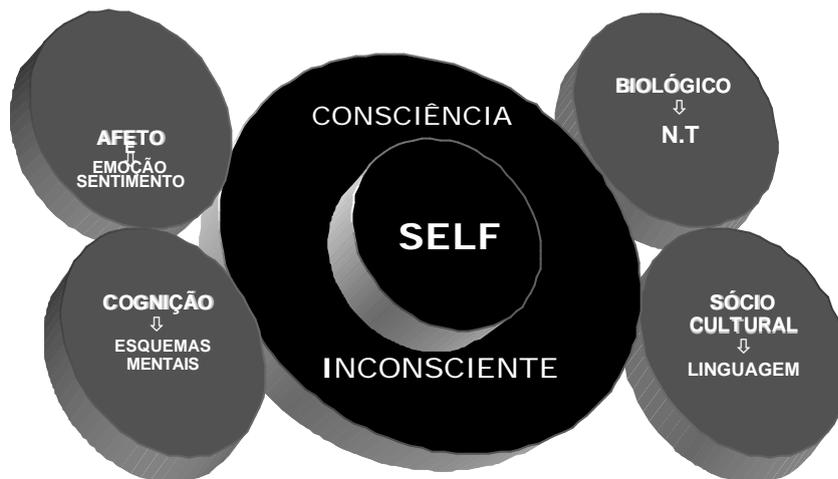


FIGURA ELABORADA POR FAUSTO EDUARDO MENON PINTO A PARTIR DE LEITURA DE ARAÚJO (1999: 69)

SISTEMA INTEGRADOR A figura mostra as partes que compõem o sujeito psicológico. Neste desenho, pode-se notar que o self (o EU) é intimamente composto a partir de um conjunto de dimensões ou sistemas psíquicos. Estando imerso num universo consciente e inconsciente. Formando assim um sistema de múltiplas funções. Tem-se como hipótese central que exista um arranjo (e rearranjo) entre elas para formar a organização do sujeito psicológico, mais exatamente o funcionamento deste sujeito. Então, dá-se o nome de SISTEMA INTEGRADOR o sistema que consegue integrar múltiplas dimensões e que exercem influência no funcionamento psicológico através de seus respectivos reguladores. Cada estrutura, com detalhes em círculos, tem o seu regulador. A cognição com os esquemas mentais. O biológico com os neurotransmissores (escrito em N. T.). O sociocultural com a linguagem. E a afetividade com o sentimento e emoção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, E. S. Q. (2000). Ciência, o quantitativo e o qualitativo (características, diferenças, tipos). *Alcance*, v. 3, n. 3, p. 27-31.
- ARAÚJO, U. F. Disciplina, indisciplina e a complexidade do cotidiano escolar. In: OLIVEIRA, M. K. de et al. (2002). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna.
- ARAÚJO, U. F. (1999). *Conto de escola – a vergonha como um regulador moral*. Campinas: Moderna/Unicamp.
- CAMPOS, L. F. de L. (2000). *Métodos e técnicas de pesquisa em psicologia*. Campinas: Alínea.
- CAPARRÓS, A. (1999). *História da psicologia*. Lisboa: Plátano.
- DIAZ, P. L.; LOPEZ, C. P. (1985). *La psicología hoy: organismos o maquinas?* Madrid: Cincel.
- ERISMANN, T. (1960). *Psicologia general*. México: U.T.E.H.A.
- FERNÁNDEZ-ARMESTO, F. (1999). *Historia de la verdad*. Herder: Barcelona.
- FETZER, J. H.; ALMEDER, R. F. (1993). *Glossary of epistemology/philosophy of science*. New York: Paragon House.

- FREIRE, I. R. (1997). *Raízes da psicologia*. Petrópolis: Vozes.
- FIGUEIREDO, L. C. M. (1996). *Revisitando as psicologias*. São Paulo/Petrópolis: Educ/Vozes.
- FILLOUX, J-C. (1988). *O inconsciente*. São Paulo: Martins Fontes.
- GAMBOA, S. S. (1999). *Fundamentos para la investigación educativa – presupuestos epistemológicos que orientan al investigador*. Bogotá: Magistério Libéria.
- GEYMONAT, L. (1997). *Galileu Galilei*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GLEITMAN, H. (1991). *Psychology*. New York/London: W. W. Norton & Company.
- GOWER, B. (1997). *Scientific method*. Routledge: London.
- HAYLES, N. K. (1998). *La evolución del caos – el orden dentro del desorden en las ciencias contemporáneas*. Barcelona: Gedisa.
- HENNEMAN, R. (1998). *O que é psicologia*. Rio de Janeiro: José Olimpo.
- JR, H. M. A problemática do conhecimento. In: CARVALHO, M. C. M. de. (1998). *Construindo o saber*. Campinas: Papyrus.
- LEWIS, M. (1997). *Alterando o destino – por que o passado não prediz o futuro*. Campinas: Moderna/Unicamp.
- LIPPS, T. (2001). O conceito de inconsciente na psicologia. *Natureza Humana*, v. 3, n. 2, p. 335-356.
- MAGNUSSON, D; TORESTAD, B. (1993). A holistic view of personality: a model revisited. *Annual Psychology Review*, v. 44, p. 427-452.
- MORIN, E. (2002a). *Ninguém sabe o dia que nascerá*. São Paulo: Editora da Unesp (Tradução: Maria Leonor F. R. Loureiro).
- MORIN, E. (2002b). *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América.
- MORIN, E. (1997). *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa.

- PAULUS, J. (1970). *Los fundamentos de la psicología*. Madrid: Guadarrama.
- PRIMON, A. L. de M. et alii. (1997). História da ciência: da idade média à atualidade. *Psicólogo Informação*, v. 1, n. 1, p. 35-51.
- ROBERTS, R. (1995). *Descobertas acidentais em ciências*. Campinas: Papirus.
- ROSENFELD, A. (1993). *O pensamento psicológico*. São Paulo: Perspectiva.
- SILLAMY, N. (1997). *Dictionnaire de la psychologie*. Paris: Larousse.
- YAKIRA, E. (1994). *La causalité de Galilée à Kant*. Paris : PUF.